

## **ANDREA MAY (aka Happy Downlady) - Artista visual e ativista cultural**

**Artista visual, produtora cultural e musical, conhecida pela realização de diversos projetos coletivos de Artes Visuais e seus trabalhos nos movimentos da "Street Art" e "Toy Art". Integra o duo de música experimental "Luvebox FX" e também é a criadora e curadora do Atelier Coletivo VISIO.**

### **1. Quem é Andrea May?**

Sou artista plástica, formada em 1989 pela UFBA, quando também abri uma empresa de produção em Salvador. Esse fato me levou a assumir algumas funções como consultora artística em projetos institucionais. Depois enveredei pela música com foco no experimental e desenvolvi um trabalho de composição e intérprete, paralelamente às Artes Visuais, que retomei com mais dedicação há dez anos, e hoje estou à frente do VISIO.

### **2. O que você entende como cultura?**

Cultura é a expressão mais completa de um povo, porque dela faz parte todo o legado histórico e artístico, convergindo para manifestações mais singulares e tradutoras, portanto deve ser muito estimulada, preservada, compreendida e difundida como nossa verdadeira riqueza.

### **3. Como você avalia a produção artístico-cultural na Bahia nos últimos anos? E quanto ao cenário das Artes Visuais?**

Para mim, a produção artística e cultural na Bahia vem sofrendo muitos reflexos sócio-políticos, porque, se não há uma abertura nesse âmbito, os movimentos parecem se fechar. É como conchas na praia onde ondas vêm e vão, utilizando essa metáfora, a gente pode fazer um levantamento rápido de dados concretos de alguns setores da cultura, pois até parece que, quando damos vinte passos a frente, em seguida damos dez para trás, e eu associo isso à extrema dependência das políticas culturais.

### **4. Como você avalia as políticas culturais e o mercado para a cultura na Bahia nos últimos anos?**

Sobre uma avaliação dessas políticas, assim como do mercado da cultura local nos últimos anos, considero notória a mudança no sistema, cuja estrutura atual dá ênfase a uma maior democracia e uma melhor distribuição de renda; mas ainda assim, há ajustes e melhorias para chegar ao modelo ideal.

### **5. Qual a sua opinião sobre o atual modelo de incentivo público à cultura, via editais e leis de incentivo? Quais são os pontos positivos e negativos desse formato?**

Metodologicamente falando, é obvio que o modelo atual de incentivo público à cultura é interessante. Pela forma organizada, pela transparência dos processos, pela criação de um calendário permanente e anual, porém ainda faltam o desenvolvimento de outros critérios de

seleção já que existe na arte o fator da inelegibilidade, muito mais criterioso e específico, então acho que isso tem que ser revisto.

**6. Como você avalia a receptividade do empresariado baiano no que se refere ao financiamento ou patrocínio à cultura?**

Infelizmente, esta receptividade ainda é insignificante. Falta mais visão, sensibilidade, interesse e valorização no marketing cultural.

**7. Como surgiu o seu interesse pela área cultural e pelas artes visuais em particular?**

Desenho desde pequena e toda grana que ganhava costumava investir em materiais de arte. Fui me interessando, pesquisando essa linguagem e a cultura foi consequência dessa busca de um caminho, foi fazendo cruzar outros elementos, outras situações e me permitindo conhecer e experimentar novas linguagens artísticas, como a música por exemplo.

**8. O seu período fora do país reflete em sua produção artística? Quais são suas principais influências e inspirações?**

Certamente quando temos a possibilidades de ver, participar de experiências diferentes, no campo das artes, isso traz um novo fôlego, mesmo com as divergências culturais de cada país, de cada povo. Me sinto muito influenciada pela estética urbana, a metrópole, seus exageros visuais, o centro nervoso de ideias que afloram. Também sou adepta da agilidade das novas mídias, de uma comunicação em rede e o que dela pode gerar. Admiro muitos estilos, artistas e me identifico demais com o *surrealismo pop* e a *lowbrow art*.

**9. Fala-se de uma evasão artística da Bahia, você concorda? Quais as principais facilidades e dificuldades de se trabalhar com artes visuais no Estado? Existe um público para esse segmento?**

Facilidade nenhuma, muito pelo contrário, é só ralação. Viver de arte na Bahia sempre foi algo muito restrito, pois costuma ser fundamentado numa estrutura arcaica que sempre foi regida por uma burguesia, uma hegemonia que dita regras e quem não tá lá é eternamente marginalizado. Se você não tem um *background*, uma família rica, se não estudou fora ou interage com a chamada alta sociedade, transitando nesse metiê de arquitetos, decoradores, galeristas comerciais, esqueça e encare apenas como hobby. Porque para viver, está difícil.

**10. Além da pintura, você tem um trabalho expressivo com *toy art* e *sketchbook*. Fale um pouco sobre esses segmentos.**

Além de ilustrar e pintar, já participei algumas mostras significativas de *toy art* inclusive fora de Salvador, em São Paulo e Rio de Janeiro, e projetos mais abrangentes que envolvem técnicas da *street art*: tanto *outdoor* como *indoor*. Esses segmentos só foram respeitados quando houve o interesse nacional, mesmo assim nunca foi bem remunerado aqui em Salvador. Decididamente, aqui não tem absorção pra esse tipo de universo.

**11. Como surgiu o Ateliê Coletivo VISIO? Fale um pouco sobre o projeto, sua estrutura, objetivos, desafios, etc.**

A ideia do Atelier Coletivo VISIO. ponto surgiu no começo de 2010, quando eu retornei ao Brasil após um ano no Canadá. Logo, estava ávida por novas investidas, por realizar coisas, queria mostrar, discutir mais sobre as Artes Visuais, fundamentada em tudo que vi e conheci. Então, fiz um blog reunindo algumas pessoas, representantes locais, seguido de um encontro presencial no ICBA (Instituto Cultural Brasil-Alemanha), com a adesão da classe, que aderiu mesmo, até sem entender direito o que era o conceito. Lá formatou-se este atelier aberto, onde todos os artistas pintavam, conversam e trocavam suas informações. Enfim, sempre foi um projeto muito desprezioso. E, apesar de hoje ser bem comentado, ainda falta suporte. Nós nos vemos totalmente independentes, contando com raros apoios governamentais ou privados.

**12. Enquanto coordenadora do VISIO, quais aspectos, experiências e estratégias você destaca no que diz respeito à gestão do projeto. Quais as principais dificuldades para garantir a continuidade de projetos como o VISIO.**

Costumo pensar como uma “missão guarda chuva ou guarda sol”, como queira, visualizando uma central de artes com suas ramificações, em cada ponta uma vertente a ser explorada como a formação, a exposição, a pesquisa, a divulgação, a discussão para que exista uma área de sombra, um porto para criarmos, principalmente de forma coletiva.

**13. Que outros projetos você está envolvida e gostaria de destacar?**

Além das Artes Visuais, me dedico também à música. Tenho um projeto chamado Luvebox FX, desenvolvido em parceria com Junix, com foco na música instrumental experimental utilizando ferramentas eletrônicas e analógicas. Temos desenvolvido alguns *lives* com artistas locais, fazemos trilhas e esse é um projeto que eu costumo sempre buscar integrar a outras linguagens como as Artes Visuais.

**14. Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?**

É notória a falta de bons profissionais na área cultural de Salvador. Gostaria de conhecer melhores produtores, agentes, gestores no segmento das artes em geral, porque é muito complexo ser artista e assumir diferentes funções. Esse fato só contribui para uma estagnação artística, ou bem você faz sua criação ou bem você administra. Dá para fazer os dois, mas é muito mais complexo. Na maioria das vezes temos que pensar, escrever, fazer contabilidade, pagamentos, todo o operacional de um projeto.

**15. Como você avalia a estrutura de equipamentos e espaços culturais em Salvador e na Bahia, especialmente sob uma perspectiva de suporte às artes visuais?**

Considero poucos e precários os espaços existentes. Quando há boa vontade falta estrutura adequada ou vice e versa.

**16. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E em relação ao valor dos ingressos em Salvador? E quanto à política da meia entrada?**

Sou totalmente a favor da gratuidade, mas deve ter um bom planejamento em prol de atingir um público interessante e interessado, não deve ser gratuito apenas para fazer número, quantidade. E sobre o valor dos ingressos há desníveis, talvez reflexo da própria economia instável. A meia entrada é imprescindível, como estímulo aos jovens, estudantes que estão começando e que ainda não tem condição de se bancar.

**17. A partir da sua experiência como coordenadora de programação artística do Pelourinho (1999-2004), como você avalia o Pelourinho Cultural hoje? Quais as principais diferenças em relação ao seu período de atuação?**

Uma resposta meio complexa, porque há um *link* muito forte com a política. Não é uma coisa meramente cultural, artística. Envolve outros setores, segurança pública, inclusive e a economia, porque é um polo muito ligado ao comércio e acaba que sofre várias interferências. Então essa avaliação referente a parte artística e cultural fica muito dependente desses outros itens, que acabam regendo. A gente não tinha uma autonomia e existiam regras. Sendo assim, dessa forma, não há liberdade para criar e fazer algo que realmente seja autêntico.

**18. O que poderia ser melhorado no Pelourinho e como?**

Essa resposta está intrinsecamente ligada à anterior e é muito complexa. Talvez a questão da segurança, da acessibilidade e melhor qualificação dos que lá estão, desde o comércio ao morador. Enfim, uma questão de educação mesmo. Mas teria que ser algo com muito tempo de trabalho para vir a ter resultados.

**19. O que e/ou quem (projetos/espacos/instituições) você destacaria em termos de gestão cultural na Bahia e por quê?**

As instituições parceiras que eu costumo elogiar são o ICBA, que apesar de ter uma origem estrangeira e com o objetivo focado na língua, é muito receptiva e não tem um preconceito, eles são muito abertos e isso é um fator positivo para a gente que trabalha com arte e cultura; e a Sala de Arte pela linearidade da sua programação e o nível com que se mantém. Também o projeto Circuito das Artes / Triangulações, que tem um formato e objetivos singulares de acessibilidade e comercialização da própria arte visual; o Criativos Dissonantes, que tem um trabalho específico focado no processo criativo, enfim são vários, mas agora me ocorreram esses.

**\*Entrevista realizada por Ana Beatriz Ferreira e Tomás Silva, dia 09 de dezembro de 2013, em Salvador.**